

A atualidade de *Wahrheit der Dinge*, de Josef Pieper

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo mostra que o livro *Wahrheit der Dinge*, de Josef Pieper, publicado originalmente há exatos 70 anos, reconstitui o autêntico conceito de verdade das coisas elaborado pela tradição ocidental, notadamente por Tomás de Aquino, que considera que os entes são verdadeiros porque estão relacionados ao intelecto criador de Deus e ao intelecto humano, o que fundamenta a ideia de que a alma é, de certo modo, todas as coisas.

Palavras chave: Josef Pieper – verdade das coisas – Tomás de Aquino – conhecimento

Abstract: This paper argues that *Wahrheit der Dinge*, by Josef Pieper, published 70 years ago, shows the authentic West tradition's concept of truth of things, formulated by philosophers as Thomas Aquinas, who considers things are true because they are related to the creative intellect of God and to human intellect. This is the basis of the idea according to soul is, in a special manner, all things.

Keywords: Josef Pieper – truth of things – Thomas Aquinas – knowledge

Introdução

Originalmente publicado em 1944, portanto, há exatos 70 anos, o texto *Wahrheit der Dinge* (“Verdade das coisas”), de Josef Pieper (1904-1997), introduziu no debate acadêmico da contemporaneidade um conceito que pertence ao patrimônio da tradição de pensamento ocidental – o conceito de verdade das coisas, que tem origem na Antiguidade grega e chega à sua mais completa formulação com o filósofo medieval Tomás de Aquino (1225-1274). Em apenas 80 páginas, Pieper, nesse texto, expõe fielmente essa ideia dos antigos, com suas profundas consequências para a teologia, a filosofia e a antropologia.

Como mostra Pieper – que durante 50 anos foi professor de Antropologia Filosófica na Universidade de Münster, na Alemanha –, as coisas são verdadeiras em virtude de seu íntimo núcleo ontológico. O que faz com que as coisas sejam verdadeiras e cognoscíveis. E elas são verdadeiras porque estão relacionadas tanto com o intelecto criador de Deus, que lhes dá o ser, como com o intelecto conhecedor do homem. Ou seja, o real está entre o conhecimento divino e o humano.

Em pleno século XXI, em que a autêntica tradição de pensamento ocidental se acha esquecida e a verdade é declaradamente rejeitada, nada mais oportuno do que voltar-se para um texto que recupera profundas intuições dos pensadores antigos e medievais, lançando novas luzes sobre a existência do homem e das coisas.

O conceito de verdade das coisas

O pensamento ocidental se afastou da “corrente vital da tradição humana” que, desde Platão – e até mesmo antes dele –, considera a verdade como “o que há de mais nobre (*áriston*) entre as coisas”², mostra Pieper no início de *Wahrheit der Dinge*. Esse afastamento teve início com o humanismo do Renascimento – especialmente em sua versão hostil à tradição –, a “primeira grande ruptura” da tradição ocidental.

O humanista Lorenzo Valla, em suas *Disputas dialéticas contra os aristotélicos*, por exemplo, descarta a doutrina tradicional dos “transcendentais”, ou seja, a doutrina dos conceitos de unidade, verdade, bondade das coisas, que “transcendem” e

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

² *República VII*, 532c.

se estendem para todos os gêneros e espécies do ente. Francis Bacon expulsa os transcendentais do âmbito da ciência e da metafísica. “Os humanistas estão entre os primeiros que já não mais admitem o princípio de verdade das coisas, e até mesmo negam que haja algum sentido nessa afirmação”, diz Pieper³.

Os chamados fundadores da filosofia e da ciência moderna darão prosseguimento a essa ruptura com a antiga tradição de pensamento ligada ao princípio da verdade das coisas.

Thomas Hobbes chama a opinião dos metafísicos a respeito do princípio de verdade do ente de “nula e infantil” e acrescenta que “nas coisas não há nenhuma verdade”. Descartes não faz nenhuma menção à verdade das coisas em suas *Meditationes de prima philosophia*. Embora a quarta dessas meditações traga o título “Do verdadeiro e do falso”, Descartes não reconhece nenhuma verdade nas coisas.

Já Spinoza cita a doutrina da verdade das coisas para demonstrar que ela não tem nenhum sentido. “Engana-se completamente quem afirma que a verdade é uma propriedade do ente”, afirma o filósofo em suas *Cogitata metaphysica*. Finalmente, Kant qualificou o princípio de verdade das coisas como “estéril” e “tautológico”. Na *Crítica da razão pura*, ele chega a dizer que não se deve entender o princípio de verdade do real como “predicados das coisas”, e sim como “exigências e critérios lógicos de todo *conhecimento* das coisas em geral”. Ou seja, diz Pieper, a verdade como uma propriedade do ente é negada de maneira explícita, o que está de acordo com as palavras de Kant nessa mesma seção da *Crítica da razão pura*, segundo as quais sua tarefa é “tornar inúteis para sempre os conceitos fundamentais da antiga doutrina do ser”.

Pieper reconhece que, na forma como o princípio de verdade das coisas chegou aos filósofos modernos, era bem possível mesmo que ele fosse rejeitado por esses renovadores do espírito. Na realidade, esses pensadores se afastaram, sim, de uma pretendida “tradição” – assim equivocadamente autodenominada – em que os conceitos da antiga doutrina do ser haviam perdido sua força de irradiação e seu vigor.

Essa “tradição” que desfigurou a antiga doutrina do ser teve início com os filósofos alemães Christian Wolff – que incluía entre seus discípulos os mestres filosóficos de Kant, Franz Albert Schulz e Martin Knutzen – e Alexander Gottlieb Baumgarten, autor de *Metaphysica*, em que o autor da *Crítica da razão pura* baseou suas lições regulares de metafísica.

É de se notar que Wolff defende que o seu conceito de verdade do ente não está em contradição com a doutrina dos escolásticos. Para esse filósofo alemão, os pensadores medievais apenas formularam de maneira confusa e prolixa o que ele definiu de forma precisa. Desde então, tem-se acreditado que a filosofia wolffiana é uma legítima continuação da Alta Escolástica, inclusive no que se refere ao significado dos transcendentais.

A essa crença opõe-se Pieper: “A verdade é que entre Wolff-Baumgarten e Alberto-Tomás-Scoto, apesar de toda a semelhança terminológica, não existe quase nenhuma afinidade na doutrina da verdade das coisas, muito menos profunda coincidência. Só quem não possui nenhuma sensibilidade para as diferenças espirituais pode deixar de perceber o abismo que separa os mestres do pensamento da Alta Idade Média do pedantismo sistemático da filosofia da Ilustração”⁴.

Examinando a *Metaphysica* de Baumgarten, Pieper mostra que o núcleo da doutrina desse filósofo sobre a verdade das coisas reside no fato de que, para ele, todo ente é real e não sonhado. O sonhado se diferencia do que verdadeiramente é no

³ *Wahrheit der Dinge*, 3.

⁴ *Wahrheit der Dinge*, 109-110.

sentido de que este último corresponde aos princípios de contradição, de razão suficiente e aos demais “princípios universais”, enquanto o que sucede nos sonhos não necessita ser intrinsecamente possível e sem contradição, nem precisa estar ligado à ordem dos demais princípios do pensamento e do ser.

Na obra de Wolff, encontra-se a mesma ideia defendida por Baumgarten: a verdade das coisas significa que todo o real é precisamente real, mas o traço distintivo do ser real é a “racionalidade” ordenada, que consiste em que “cada coisa particular é e sucede por uma razão suficiente, sem deixar nenhum espaço para o contraditório”, como afirma Wolff em *Philosophia prima*.

Essa “racionalidade” do real, acrescenta Pieper, está muito distante do uso que se fazia, na Alta Idade Média, do conceito de “razão”. Em Christian Wolff, por “realidade” e por “ser real” se entende o ser de fato, de acordo com a escola ilustrada, e “racionalidade” e “ordem” dizem respeito a que cada coisa deve encontrar-se racionalmente de acordo com tudo o que é e sucede. Do contrário, não poderia ser real.

Para Pieper, nada mais justificado do que o juízo kantiano de que a doutrina da verdade das coisas – assim interpretada por Wolff e Baumgarten – corresponde a uma tautologia estéril e vazia.

Não é casual que Wolff tenha considerado o seu conceito de verdade das coisas como “distinto”, enquanto o dos escolásticos é chamado de “confuso”, destaca Pieper. Indubitavelmente Wolff se refere ao significado consagrado por Descartes, para quem “distinto” é o conceito que, além de sua claridade, é tão diferente e “preciso” (*praecisa*) de todos os outros conceitos que não contém absolutamente nada que não seja claro. Adotando essa racionalidade cartesiana, Wolff, que se diz continuador da Escolástica, exercerá uma forte influência sobre algumas correntes neoescolásticas. E a interpretação de Tomás de Aquino que caracteriza a Neoescolástica – continua Pieper – é um testemunho do esforço de introduzir na obra desse representante da antiga doutrina do ser a pretensão totalmente ilustrada e racionalista de que o mundo das coisas reais pode ser aferrado e concebível mediante definições, distinções e demonstrações escolares.

O pensamento de Tomás de Aquino encontra-se bem distante dessa pretensão. Como pontua Pieper, o conceito de verdade da Alta Escolástica não é “distinto” no sentido de Descartes. Antes, a intenção manifesta de Tomás é evitar dar uma definição escolar da verdade (como também do conhecimento), pois Tomás sabe que essas realidades primitivas não se podem conhecer dessa maneira. Por isso procede de modo diferente.

No primeiro artigo das *Quaestiones disputatae de veritate*, primeiro ele desenvolve sua própria concepção e em seguida a acrescenta às caracterizações essenciais provenientes da tradição, que se iluminam e reforçam reciprocamente. Sem excluir nenhuma, também não reconhece validade a uma só delas. Sem pretensão de haver alcançado uma compreensão definitiva, deixa o caminho aberto à investigação futura, como ocorre nos diálogos de Platão.

Assim, conclui Pieper, “quando Christian Wolff afirma que possui um conceito de verdade ‘mais distinto’, não se lhe deve negar isso. Mas se pode com razão duvidar de que o conceito ‘mais distinto’ de verdade seja também o mais adequado, o mais grandioso e o mais verdadeiro”⁵.

Verdade e conhecimento

A clássica doutrina da verdade das coisas afirma que os seres são verdadeiros em virtude de seu íntimo núcleo antológico. A verdade das coisas não é uma

⁵ *Wharheit der Dinge*, 115.

“propriedade” que pudesse lhes faltar. O que faz com que as coisas sejam faz também com que elas sejam verdadeiras. Nossos juízos podem ser verdadeiros ou falsos, mas as coisas são sempre verdadeiras, nunca falsas. É com essas afirmações que Pieper faz a primeira aproximação ao conceito que busca definir em *Wahrheit der Dinge*.

A intrínseca relação entre ser e verdade se dá porque, como afirma Pieper, sempre apoiado em Tomás de Aquino, “‘verdadeiro’ significa ordenação a um eu cognoscente”. Significa que estar referido a um intelecto é algo próprio do ente enquanto é, e estar referido a um intelecto é aquilo mesmo em que consiste o ser das coisas. Ou seja, “ter ser” e “estar referido a um intelecto” significam o mesmo.

A tradição ocidental sempre entendeu por conhecer e por conhecimento algo que vai muito mais além do que hoje esses termos significam. Atualmente, define-se conhecer como um processo pelo qual a consciência reproduz em si mesma a realidade exterior. No entanto, para os antigos, o conceito de conhecimento abarca mais de uma dimensão. Ele inclui também o conhecimento criador. Além e fora de um conhecimento não criador, há um tipo especial de conhecer, em virtude do qual as coisas “conhecidas” recebem seu ser.

Essa dimensão criadora do conhecimento pressupõe, então, que um ser tem em si as essências de outras coisas, não só as “imagens” das coisas, mas também suas “formas”. Como afirma Pieper, ser cognoscente significa ir mais além dos próprios limites, não estar encerrado na própria essência, e sim “ter também a forma da outra coisa”, ou seja, *ser* também a outra coisa. O conhecer é e fundamenta a participação mais íntima possível de um em outro, o que é confirmado, nota Pieper, pelo fato de que a palavra “conhecer” é usada também para nomear a união corporal dos sexos.

Para Pieper, o princípio de verdade das coisas não significa outra coisa que isto: é uma propriedade das coisas que sua forma essencial (aquela pela qual as coisas são o que são) seja “tida” por outro, por um intelecto; que as essências das coisas estão em posse (ou possam estar) de outro, a saber, do intelecto, mediante a participação do conhecimento.

E aqui é o momento de fazer a distinção entre *intellectus speculativus* e *intellectus practicus*. O primeiro contempla e descobre; o segundo atua, configura, cria. Como afirma Pieper, citando Tomás de Aquino, o intelecto prático causa as coisas; por isso é medida das coisas que se originam nele. Mas o intelecto especulativo, que recebe das coisas, é, em sentido determinado, movido pelas coisas, e por isso as coisas são sua medida.

A força criadora e produtora de ser do intelecto prático se estende à própria existência das coisas que conhece. O real recebe a existência da vontade criadora, tem “o que” é porque o recebe do conhecimento criador. “O intelecto criador forma em si as formas do real. E, em virtude desse conhecimento preformativo, criador, o intelecto, ou melhor, a pré-forma que nele está configurada, é a ‘medida’ do real.”⁶

Enquanto nas formas do intelecto especulativo está a origem unicamente do conhecer, nas formas do intelecto prático está a origem tanto do ser como do conhecer.

Ora, continua Pieper, se a verdade do ente consiste em estar referido ao intelecto e se a relação do ser objetivo e do intelecto encontra sua realização mais plena na relação recíproca do intelecto criador e sua obra, segue-se, então, que cada coisa é verdadeira em virtude de sua ordenação ao intelecto do qual depende. A verdade, em sentido próprio, pode dizer-se de uma coisa real na medida em que sua forma intrínseca está configurada de acordo a uma forma originária, que habita em um intelecto criador.

⁶ *Wahrheit der Dinge*, 126.

Por isso, as coisas criadas mediante a arte se chamam “verdadeiras” em virtude de sua ordenação ao intelecto do artista. Uma casa é “verdadeira” quando alcança a estrutura de acordo com a forma presente na mente do arquiteto. Um discurso é “verdadeiro” na medida que é signo de um pensamento verdadeiro. Do mesmo modo, diz-se que as coisas naturais são “verdadeiras” porque alcançam a semelhança com os exemplares que se encontram na mente de Deus.

Assim, segundo Pieper, tendo em vista que ao conhecimento criador de um intelecto criado (ainda que seja capaz de um conhecimento criador) não pode ser atribuída a totalidade das coisas existentes, o princípio da verdade transcendental significa, em primeiro lugar, que todas as coisas existentes se podem referir ao intelecto criador divino. “Ente” e “verdadeiro” se convertem reciprocamente, posto que toda coisa natural se assemelha por sua forma à arte divina.

Ou seja, os modelos de todas as coisas estão no conhecimento criador de Deus e as formas das coisas são uma espécie de selo do saber de Deus nelas.

Cognoscibilidade do real

Como afirma Pieper, a doutrina da verdade das coisas não tem apenas esse aspecto teológico que acaba de ser visto. De fato, uma coisa se chama verdadeira principalmente em virtude de sua ordenação à verdade do intelecto divino. Porém, ela é também chamada verdadeira em virtude do intelecto humano.

Esses dois aspectos da doutrina da verdade das coisas – o teológico e o antropológico – estão intimamente ligados. Para Pieper, a configuração intrínseca das coisas, sua “forma”, reflete os modelos da “arte” de Deus. As formas de todas as coisas estão, como “Ideias”, em Deus. Mas, precisamente em virtude dessa forma, que é um reflexo da Ideia que existe em Deus, o real pode assemelhar-se ao nosso intelecto. Citando Tomás, Pieper destaca que o real imita a arte do intelecto divino por sua forma, e também por ela faz surgir uma notícia de si mesmo na alma do homem.

Verdade das coisas significa relação com um intelecto. As coisas se relacionam com nosso conhecer em virtude de sua relação prévia com o intelecto divino, que produz as formas das coisas. Assim, a realidade criada está constituída entre dois intelectos. As coisas naturais, das quais o nosso intelecto recebe seu saber, são a medida de nosso intelecto, e elas recebem sua medida do intelecto divino. Isso quer dizer, conclui Pieper, que a verdade que corresponde às coisas em relação ao intelecto divino é origem e raiz de sua verdade em relação ao intelecto humano.

Há uma distinção entre a verdade que corresponde às coisas em relação ao intelecto divino e em relação ao intelecto humano. A verdade das coisas significa que elas são conhecidas por Deus e são cognoscíveis pelo homem, sendo que elas são conhecíveis pelo homem em virtude de ser conhecidas por Deus. “A luminosidade que penetra nas coisas pelo conhecimento criador do Logos divino – junto com seu ser, ou melhor, ‘como’ seu ser mesmo –, essa luminosidade, e só ela, faz que as coisas possam ser percebidas pelo conhecer humano.”⁷

Pieper cita frases de Tomás de Aquino que corroboram essa visão: “Não existe nada que o intelecto divino não conheça em sua realidade efetiva e que o intelecto humano não possa conhecer (...). Por isso, na determinação do conceito de coisa ‘verdadeira’, pode-se afirmar o ser vista efetivamente pelo intelecto divino, mas não pelo intelecto humano, salvo em potência”⁸. “A verdade se diz das coisas enquanto são

⁷ *Wahrheit der Dinge*, 136.

⁸ Ver. 1, 2 ad 4.

conformes ao intelecto divino e enquanto podem ser naturalmente conformes ao intelecto humano.”⁹

Portanto, em relação ao homem, a verdade das coisas significa que elas estão descobertas, manifestas, são perceptíveis, graças à luz originária do Logos, ao ver criador de Deus. Como afirma Tomás, citado por Pieper: “O ‘verdadeiro’ acrescenta ao ‘ente’ o conceito de cognoscível”¹⁰.

Ser cognoscível ao homem é uma característica intrínseca do ser. Pieper afirma: “Deve ser próprio de todo ente, enquanto ente, ser cognoscível pelo intelecto humano; e essa cognoscibilidade deve ser tão íntima ao núcleo ontológico das coisas que ‘ser ente’ e ‘ser cognoscível pelo intelecto humano’ devem poder convergir. Portanto, não pode haver nenhum ente de que não se possa e não se deva dizer que é acessível ao esforço cognoscitivo do homem e perceptível por ele”¹¹.

Entretanto, “cognoscibilidade” não significa que o intelecto humano pode compreender cabalmente a realidade. Antes, dado o caráter intrínseco de ser e de ser cognoscível, uma coisa deve ser tão cognoscível como é sua hierarquia na ordem do ser. O que possui o ser no mais alto grau deve ser também verdadeiro e cognoscível do modo mais elevado. Mas o ser mais elevado é justamente menos acessível e concebível por nosso intelecto. Por isso, a realidade de Deus permanece incompreensível para o conhecer humano. Assim, para o conhecer humano, algo real é tanto menos compreensível quanto mais verdadeiro, ou seja, quanto mais cognoscível é em si mesmo.

Mas mesmo as coisas criadas mais evidentes não são cabalmente compreendidas pelo ser humano. Como explica Pieper, compreender significa conhecer algo tanto como é cognoscível em si mesmo, transformar toda a cognoscibilidade em ser conhecido, não deixar nenhum “resto” de cognoscibilidade. “Mas, para o intelecto finito, o caráter manifesto do ser nunca é totalmente esgotável, pois o cognoscível das coisas supera sempre o conhecido delas de maneira inalcançável.”¹²

Mas não é que as coisas possuam uma obscuridade impenetrável. A causa da dificuldade do conhecimento das coisas é simplesmente a debilidade da potência cognoscitiva humana. Como Pieper acrescenta, as coisas mesmas são verdadeiramente cognoscíveis, também naquilo que permanece obscuro para nós. Não é o obscuro o que faz com que as coisas sejam incompreensíveis para nós, mas sim o fato de que sua luminosidade é inesgotável.

É isso o que distingue as coisas criadas das obras humanas: aquelas são “inesgotáveis”, enquanto estas são mais facilmente conhecidas. E quanto mais grandiosa for uma obra humana, mais ela se assemelhará às coisas naturais, criadas por Deus, e abrirá a quem a contempla um campo maior de conhecimento.

Feita essa ressalva sobre os limites do conhecimento humano, Pieper pode concluir sobre a verdade das coisas: “Não é que as coisas tenham a possibilidade de ser conhecidas ou de não ser conhecidas pelo homem (...). O ser cognoscíveis pertence à essência intrínseca das coisas, ou seja, estão referidas por si ao intelecto, também ao intelecto finito (...). Certamente, não é essencial às coisas que uma mente finita efetivamente as conheça, mas sim é essencial a elas que possam ser conhecidas por ele. A realidade objetiva não está encerrada em si mesma, em um isolamento total,

⁹ Ver. 1, 3.

¹⁰ De nat. gen. 2.

¹¹ *Wahrheit der Dinge*, 137-138.

¹² *Wahrheit der Dinge*, 141.

sem relação alguma com nada, até que nossa capacidade cognoscitiva a torne ‘objetiva’. ‘Ser verdadeiro’ é o mesmo que ‘manifestar e iluminar o ser’¹³.

O intelecto e a totalidade das coisas

A doutrina ocidental da verdade das coisas não se limita a lançar luzes sobre os entes e sobre o conhecimento humano, mas remete também à essência do homem.

Para explicar essa relação entre o conceito de verdade das coisas e a essência do homem, Pieper destaca dois aspectos desse conceito. Primeiro, a verdade se estende como uma propriedade transcendental das coisas, uma propriedade que compreende todos os gêneros e divisões do ente, de modo que não se pode pensar nenhum ente a que não se possa atribuir a propriedade de ser verdadeiro. Segundo, a verdade transcendental é uma propriedade do ente que encerra uma relação entre esse ente e outro, sendo que a relação expressa no conceito de verdade transcendental tem em vista o interior de outro ente: o intelecto.

Agora, citando Tomás, Pieper lembra que o fato de que todo ente, sem exceção, está relacionado ao interior de outro ente não pode se dar sem que haja algo na realidade das coisas, a cuja natureza corresponda se relacionar com tudo o que tem ser. E esse algo é a alma, que em certo sentido é todo ente. Como diz Tomás, “na alma existem as potências do conhecer e do querer. A conveniência do ente com a vontade é expressa com o nome de ‘bondade’. Mas a conveniência do ente com o intelecto é expressa com o nome de ‘verdade’¹⁴ Com isso, a verdade das coisas se revela como uma afirmação acerca da essência do homem.

O que se quer dizer com tudo isso, reafirma Pieper, é que todo ente, sem exceção, só pode chamar-se verdadeiro, ou seja, conhecível, se a alma espiritual do homem tem a possibilidade, por sua própria natureza, de conhecer a totalidade das coisas. E só se pode predicar a verdade de todo ente se o intelecto também está frente à totalidade dos entes. “O princípio da verdade das coisas é, então, só uma face de uma realidade essencialmente bifronte, e sua outra face é que o espírito tem por natureza a capacidade de convir com o que tem ser. O primeiro é irrealizável sem o segundo; o primeiro encerra em si o segundo, como seu fundamento.”¹⁵

A alma é, portanto, essa realidade sem a qual não se poderia falar de uma propriedade atribuível a todas as coisas existentes. Por isso, acrescenta Pieper, Tomás formula explicitamente, em diferentes obras, a doutrina da verdade das coisas a partir dessa força de relação da alma espiritual humana que abarca a totalidade das coisas. Por exemplo, diz Tomás: “Cada coisa é cognoscível na medida em que tem ser; e por isso se diz que a alma é de alguma maneira todas as coisas”¹⁶ e “Se o que (nos conceitos transcendentais) se acrescenta ao ser se atribui ao ente em comparação com a alma, que é de alguma maneira todas as coisas – na alma há duas potências, a faculdade cognoscitiva e a vontade: por umas delas pode conhecer tudo, por outra pode amar tudo –, então se dão a verdade e o bem”¹⁷.

Pieper destaca ainda que as coisas e o intelecto não podem ser pensados separadamente. As coisas são o campo de relação do espírito e o espírito é o centro ativo desse campo de relação (ativamente receptivo). “Todo ente é verdadeiro” significa que todas as coisas que são estão, enquanto são e em virtude de que são, no campo de relação da alma espiritual intelectual; e o campo de relação, o “mundo” do

¹³ *Wahrheit der Dinge*, 144-145.

¹⁴ *Ver.* 1,1.

¹⁵ *Wahrheit der Dinge*, 159.

¹⁶ I, 16, 3.

¹⁷ *De nat. gen.* 2

homem, enquanto é um ser dotado de intelecto, não é menor nem mais estreito que a totalidade das coisas que são. “Ser capaz de conhecimento intelectual significa viver de cara e no centro da totalidade do real. O espírito, e só ele, é *capax universi*.”¹⁸

Acrescente-se, ainda, como nota final, que o mundo do espírito se fundamenta não só na “totalidade das coisas”, mas também e ao mesmo tempo na “essência das coisas”. Posto que o homem é capaz de alcançar a essência das coisas – o que não significa que pode compreendê-las –, só por isso lhe é dado abraçar a totalidade.

Queremos dar a palavra final a Pieper, a quem seguimos desde o início deste artigo. Em um dos trechos finais de *Wahrheit der Dinge*, ele resume: “Todas as coisas são verdadeiras; são conhecidas e cognoscíveis: conhecidas pelo intelecto divino, cognoscíveis pelo intelecto do homem. Esta não é só uma afirmação sobre a estrutura formal interna das coisas, sobre seu ‘ser manifestas em si mesmas’. No princípio da verdade de tudo o que é se afirma também a força do intelecto divino, que cria o ser como luz e que, junto com o ser real, concede a cognoscibilidade. E do espírito humano se diz que por sua mesma essência está em relação com a totalidade das coisas que são, e isso em virtude dessa disposição das coisas, que ordenou o mundo ao espírito e o espírito ao mundo, que fez que o ser possa ser percebido e que o espírito possa perceber. Ou seja, que o homem, em razão de seu ser espiritual e enquanto é espiritual, habita em meio da totalidade das coisas que são. Que o espírito humano, enquanto criatura, se encontra já ‘desde sempre’, por sua natureza, nessa providencial ordenação à totalidade do real. E que essa propriedade essencial do espírito de ter ‘capacidade para o todo’ se mostra já em cada conhecimento particular, posto que a luz pela qual o particular é conhecível intelectualmente é a mesma luz que inunda também o universo. Essa é a tese antropológica, referente ao ser do homem, que está contida no princípio *omne ens est verum*”¹⁹.

Conclusão

Como acabou de ser mostrado, Pieper recupera o conceito de verdade das coisas elaborado por pensadores antigos e medievais, depois que esse conceito foi rejeitado, primeiro, por humanistas do Renascimento hostis à tradição e, depois, pelos chamados inauguradores da filosofia moderna, entre eles Descartes e Kant.

Um pensamento tão profundo – que contrasta com a superficialidade do mundo contemporâneo, para quem a verdade simplesmente não existe – é de permanente atualidade e interesse para quem indaga pelo ser das coisas e pela condição humana.

Referências bibliográficas

PIEPER, JOSEF. *Wahrheit der Dinge – Eine Untersuchung zur Anthropologie des Hochmittelalters*. In *Werke*, Band 5, Schriften zur Philosophischen Anthropologie und Ethik: Grundstrukturen menschlicher Existenz, Herausgegeben von Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1997, páginas 99-179.

_____. *La Verdad de las Cosas*, tradução de Juan Francisco Franck. Buenos Aires: Librería Córdoba, 2009.

Recebido para publicação em 08-01-14; aceito em 11-02-14

¹⁸ *Wahrheit der Dinge*, 161.

¹⁹ *Wahrheit der Dinge*, 173.